



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 58-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Tahaba-Lisboa* — Telefone 6389 O.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATAILHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A Internacional Comunista de Moscúvia e a sua autocracia

A Internacional de Moscúvia está em resumo em oposição absoluta com uma Internacional Comunista Anarquista. E todavia um certo número de polemistas, com o fim de desacreditar a Internacional Comunista de Moscúvia, alenham-na do anarquista. A base do comunismo anarquista é, no plano económico, a posse em comum de todos os bens. Esta base económica é a mesma do comunismo autocrático dos bolchevistas. Mas ao lado do plano económico há o plano político. No plano político, a base do comunismo anarquista é a liberdade, enquanto que a base do comunismo autocrático é a autoridade. E estas duas concepções são absolutamente opostas, e só por ignorância ou má fé se podem assimilar (veja-se o meu volume *Socialismo e Anarquismo*).

A I. C. de Moscúvia, sendo autocrática, como por uma forma completa o demonstram as XXI condições, pretende imiscuir-se na vida interna e externa de cada um dos Partidos Nacionais a ela aderentes. Em suma, um comité executivo dirigiria tudo, dum lado centro. Os diversos partidos, como corpos de exército, obedeceriam a este comité executivo, verdadeiro grande estado-maior geral, e executariam as suas ordens. Estamos portanto em presença duma organização militarista, conventual. Julgo que isto de forma alguma pode convir aos ocidentais, cujo estado de evolução excede em muito a fase medieval em que a Rússia verdadeiramente se tem mantido, sob o ponto de vista político-social.

Julgo impossível que as massas socialistas da Grã-Bretanha, da França, da Itália, da Espanha, da Suíça e da Scandinávia aceitem as condições moscovitas com a intenção de as executar honestamente, isto é, rigidamente. Talvez que na Alemanha isso se dê, pois que neste país poderão ser menos facilmente adoptadas pelas massas, porque um século de educação militarizada transformou os indivíduos humanos numa massa gregária obediente aos seus pastores, como superabundantemente o provaram cinquenta meses de guerra. Mas, entretanto, parece ter começado uma evolução no sentido da liberdade entre as massas germânicas.

Em verdade, existe ainda na massa humana a necessidade de culto. Este não desapareceu senão entre uma pequena minoria de homens que seguem esta grande máxima: *sem deus nem senhor*. Para esta pequena minoria, cada um é o dono de si próprio. Cada um examina, julga, pesa, decide, e age. Mas a massa humana encontra-se ainda composta de seres cultuais, sentindo a necessidade de adorar e de se guiar pela palavra do Mestre. Esta massa, quando se diz socialista, jura por Marx, por X, ou por Y, segundo os países. Uma fração desta massa jura actualmente por Lênine, e aceita como verdade qualquer palavra do Mestre. Não examina, nem julga, nem pesa; limita-se a escutar, a aprovar e a actuar em seguida. Evidentemente, esta maneira de proceder exige menos esforços que os que são necessários aos homens que nenhum mestre reconhecem, e mais uma vez deparamos com a lei do menor esforço.

Este estado psicológico da massa humana explica as razões porque se encontram por toda a parte, homens que aceitam as XXI condições. Não se pode pôr em dúvida que o fazem com absoluta boa fé. Também se não pode duvidar que procurem adaptar estes dogmas à sua natureza e às suas condições nacionais. Portanto, o facto, a unidade sonhada por Lênine, realizada pela aquiescência dos partidos nacionais ou das frações destes partidos será pura e simplesmente uma aparência. Cada partido há de actuar como lhe parecer, interpretando a seu modo as XXI condições. A Internacional Comunista autocrática só nas aparências o será, logo que a ela tiverem aderido as frações dos povos ocidentais, e quanto mais importantes forem estas frações maiores serão as alterações aos dogmas leninianos! Lênine, ao pretender alargar o seu poderio, na realidade diminuiu-o.

A rejeição das XXI condições

Ao lado dos que aderem às XXI condições de Moscúvia, há quem as rejeite, e procedem por esta forma ou porque se opõem às suas bases, ou porque se opõem à essência autocrática das condições. Seja um pouco longo discutir todas as teses que as XXI condições supõem aceites. Bastar-me há dizer que aos «legalistas» ou «reformistas» ou aos que são simultaneamente legalistas e illegalistas, reformistas e revolucionários, segundo as ocasiões, não pode agradar a maior parte destas teses. Enfim, há uma, a *essencial sobre o plano político*, a da autocracia, a da centralização, que nenhum libertário sindicalista, ou federalista pode aceitar.

Donde resulta que, segundo o nosso modo de ver, no Ocidente a maioria dos membros dos Partidos Socialistas recusar-se não a aderir à Internacional Comunista de Moscúvia, o que trará como consequência uma scisão nos diversos Partidos Socialistas.

Isto é fatal, porque é tal a forma porque estão redigidas as XXI condições que os Partidos Socialistas da Grã-Bretanha, da França, da Itália, da Espanha, etc., se encontram na situação de postulantes que podem a sua admissão a uma Sociedade cujos estatutos foram previamente estabelecidos. Esta posição é muito curiosa e espalha um pouco de ridículo tanto para os que a criaram como para os que a aceitam. Uma simples análise dos factos justifica este ridículo. Estas condições foram estabelecidas num Congresso da I. C., em Moscúvia, há alguns meses. Ora este Congresso não contava com delegados da classe operária da Grã-Bretanha, da França, da América do Norte e do Sul. Na verdade, algumas personalidades, e um certo número delas com real valor moral e intelectual, pretendiam representar esta classe operária, o que era uma simples pretensão, mas não um facto, porque tais personalidades simplesmente se representavam a si, ou quando muito a uma pequena minoria comunista de cada um destes países. E importa ainda notar que os comunistas destes países, os do comando e os da fileira, conforme dizem os inóculos, opõem-se na realidade à forma autoritária do comunismo, apregoados como estão do espírito de liberdade. E, portanto, um pequeno grupo de ideólogos, bem intencionados, mas fanáticos, que, *ex cathedra*, criaram com todas as peças a I. C. Esta Internacional não é a Internacional da classe operária; é a Internacional duma elite.

A influência social da Internacional de Moscúvia

Uma tal Internacional é verdadeiramente ridícula se a encararmos sob o ponto de vista da sua acção directa no governo dos homens, na administração das coisas e na preparação da Revolução mundial. Com efeito, esta acção directa é quasi desprezível tanto em si, como em relação a uma pequena minoria comunista de cada um destes países. E importa ainda notar que os comunistas destes países, os do comando e os da fileira, conforme dizem os inóculos, opõem-se na realidade à forma autoritária do comunismo, apregoados como estão do espírito de liberdade. E, portanto, um pequeno grupo de ideólogos, bem intencionados, mas fanáticos, que, *ex cathedra*, criaram com todas as peças a I. C. Esta Internacional não é a Internacional da classe operária; é a Internacional duma elite.

Só o facto da sua existência e a «fortiore» as teses que sustenta provocam discussões, donde resulta uma educação e portanto um progresso para as massas humanas. A I. C. é um fermento que provoca a formação da humanidade e especialmente da parte avançada desta humanidade. Encarada assim, é útil, até muito útil, mas não pode intitular-se Internacional Operária, nem Internacional So-

APÓS O REGRESSO

AQUILINO RIBEIRO

Fala-nos da Alemanha — Verdades amargas — Os aliados e a ocupação militar

Aquilino está de volta. Devem os leitores lembrar-se que antes da sua partida para a Alemanha, onde se demorou breves meses, trocámos com o autor da *Via Sinuosa*, impressões que nestas colunas demos à estampa. Diz-se à boca pequena, que Aquilino Ribeiro iria à Rússia. Iria, não iria?... Aquilino diz-nos que não, nós desconfiávamos que sim. Quando soubemos que havia regressado, corremos a vê-lo. E somos sinceros — talvez nos animasse mais a curiosidade de ouvir o que nos contasse, as novidades que nos trouxesse da Alemanha pobre, exausta e da Rússia que tantas opiniões contraditórias tem suscitado, do que saber se tinha chegado bem e se a viagem decorrera sem empenho de maior.

«Aquilino Ribeiro deve estar agora na redacção da *Batalha*, informaram-nos. Para ali nos dirigimos. E o caminho, iam os antecessores já o prazer exultante de receber, dum homem que viu com



Aquilino Ribeiro

os seus próprios olhos uma coisa que tantos desejam conhecer, as mais recentes, as mais vivas impressões.

Finalmente, a despeito de todas as nossas esperanças, Aquilino Ribeiro não foi à Rússia; ficou pela Alemanha e foi sobre a Alemanha e os alemães que conversamos longamente.

Vem o apreciado autor das *Terras do Demo*, pleno de impressões. Uma pequena pergunta que lhe fizémos provocou-lhe longas dissertações que ele pretendia sintetizar, resumir. A Alemanha é para Aquilino Ribeiro um assunto interminável, sobre o qual borda considerações, comentários, que o seu espírito de observador sabe criar. Não impossibilita de se alongar, como desejaria, e como nós queríamos também — em relatos que não caberiam nestas acanhadas colunas, nem mesmo em volumoso volume, Aquilino Ribeiro falou-nos um pouco de tudo: de arte e de finanças, de trabalho e militarismo, de *chômeres* e de prostituição, de guerra e de paz.

A ocupação dos aliados — A cidade de Luís Baden transformada em lupanar — Parques de aviação nos terrenos de cultura — Pela liberdade dos povos...

Já não nos lembramos porque, a conversa recaiu sobre os territórios ocupados. Se confiassemos apenas nos telegramas que variadíssimas agências nos dão, os aliados, e principalmente a França, são todos carinhos para com a

cialista, porque tanto uma como outra destas Internacionais devem ser compostas, senão da unanimidade, pelo menos pela maioria dos operários e dos socialistas de cada país. Uma internacional socialista ou operária que não contar no seu seio a maioria dos socialistas e dos operários britânicos, franceses, alemães, etc., só pode ser uma Internacional de seita, do pequeno grupo.

E na verdade ridículo para os partidos socialistas de países com uma tal larga evolução como a Grã-Bretanha, cuja classe operária está incontestavelmente, para todos os que sabem, à cabeça do movimento e do progresso proletário, que a França, cujo mundo operário é duma inteligência tam maleável e tam viva, se vê encontrar na situação de postulantes perante uma Internacional de uma seita. Uma Internacional Operária Socialista só pode estabelecer-se duma forma racional por uma reunião de delegados das organizações operárias socialistas de cada país. Estes delegados, reunidos, munidos dos seus respectivos mandatos, discutiriam a organização internacional e estabeleceriam os seus estatutos, que se tornariam então a lei das partes. Qualquer outra organização da Internacional só pode conduzir a criações sectárias mas não gerais, tanto do socialismo como da classe operária.

Nesta crítica da I. C. de Moscúvia não se queira ver nem desprimento nem desdém. Analisamos um facto e mostramos as suas causas, consequências e efeitos. Admitamos a utilidade certa desta I. C. como Internacional de seita, actuando no Ocidente como um fermento. Não consideramos esta I. C. como uma força suficientemente poderosa para arrastar na sua órbita as massas socialistas e operárias ocidentais e provocar uma revolução brusca. Qualquer que seja a influência das minorias que actuam — e longe de mim o pensamento de o negar, porque é um facto incontestável — esta influência, só pode exercer-se no próprio sentido dos instintos e dos sentimentos das massas.

E não é isto o caso em relação ao Ocidente, onde as massas proletárias estão impregnadas do espírito de liberdade, oposto ao espírito de autoridade, que impregna os chefes da I. C. de Moscúvia, e portanto parece-me inevitável que se produzam scisões em todos os Partidos Socialistas.

Alemanha. A França, que comunica para todo o mundo os seus intuitos anti-militaristas e mantém mobilizados, em pé de guerra, 800.000 homens — a França de braço dado com a Inglaterra e a Alemanha, no intuito de combater o militarismo teutónico, mantém-se nos territórios ocupados numa atitude belicosa, como se a Alemanha, esmagada, vencida, pudesse ainda fazer arremedo duma invasão.

A ocupação é a maior barbaridade desta época — exclamou Aquilino Ribeiro. — Os aliados têm levantado acasas por todos os cantos, sobretudo na Renânia. Num momento em que a Alemanha está a braços com a fome, inutilizam grandes terrenos, que se prestavam para valiosas culturas, fazendo parques para a aviação, etc. A cidade de Luís Baden viu, após a ocupação, as suas ruas mais importantes convertidas em lupanares.

— A soldadesca alguma coisa há de fazer — dissemos.

— É uma verdadeira desmoralização — continuou Aquilino. — Tudo anda à matroca, atrasado, irregular; os combates nunca chegam a tempo, uma verdadeira confusão.

— E em que situação se encontram as massas trabalhadoras nesses territórios? — perguntámos.

— O proletariado, segundo Jouhaux — e Jouhaux sabe-o melhor do que eu — alimenta-se mal. Diz-se, mesmo, que a produção diminuiu devido a esse facto.

Não perguntámos a Aquilino Ribeiro se o operariado poderia lutar por melhor situação, porque já sabemos que os aliados, que entraram na guerra para libertar os povos, exercem sobre os trabalhadores uma opressão muito útil à democracia... Entretanto Ribeiro prosseguiu:

— Em Colónia as tropas inglesas conservam-se constantemente de espingarda apontada e baioneta calada...

— Posição incómoda — interrompemos nós.

— E não permitem que ninguém se aproxime...

— Tudo pela liberdade dos povos — fomos dizendo, ao mesmo tempo que inventávamos o nosso melhor ar de convicção. — Tudo pela liberdade dos povos...

O tratado de Versalhes é um pesadelo — O governo pretende suavizar a situação — 600.000 «chômeres»

— E pela Alemanha... dos alemães? — Tudo funciona com regularidade. O único pesadelo é o tratado de Versalhes. Os alemães — creiam — têm vontade de pagar e pagar. Porém, os aliados fazem-lhes exigências superiores às suas forças. O país está pobre, paupérrimo, e o governo combate como pode essa miséria, tributando os ricos. Faz leis que se cumprem, custe o que custar. Ainda há pouco tempo lançaram um imposto pesadíssimo sobre os ricos, o imposto de sucessão, que arranca aos homens de fortuna 30 % dos seus bens...

— E cá em Portugal que tanto barulho se tem feito por causa das propostas de finanças, murmurámos.

— Há mais — continuou o recenhegado. — Os empréstimos de guerra foram lançados com um juro de 5 0/0. Pois, ultimamente, o governo reduziu essa taxa a 3,5 0/0. Actualmente pretendem socializar as minas e dividir a grande propriedade. Não há dúvida alguma

que o governo pretende regularizar a vida tanto quanto possível.

— No entanto a maior parte dos géneros é distribuída por senhas, impera o racionamento; o leite, por senhas também é pouco, muito pouco; açúcar não há. A miséria é grande, levando o povo a praticar certos actos duvidosos. Imagine que uma rapariguita — a miséria! — roubou uma senha. Foi condenada a três meses de prisão.

— Mas grandes cidades — prosseguiu — as maiores vítimas da miséria são as empregadas de armazéns. O operariado não vive bem, mas tem o espírito de luta mais desenvolvido e sempre conquista umas certas regalias, o que não obsta a que em Berlim e arredores haja cerca de 600.000 *chômeres*. Uns trabalham uma vez por semana, outros exercem a sua actividade uns dias entre outros.

Uma nota sobre arte — A derrota do general Wrangel — As tendências para a Terceira Internacional

Num país onde a miséria impera, onde o leite é raro, onde as condições de vida são péssimas, natural será que a arte se resinta e caminhe para uma certa decadência.

Porém, Aquilino Ribeiro contou-nos que as ruas das cidades estão cheias de cartazes, os mais diversos e os mais bem feitos. Esses cartazes na sua maioria destinam-se à propaganda da Alta Sílesia, que a Alemanha deseja anexar aos seus territórios.

Outro facto interessante: O palácio de koprinn foi transformado em museu. O terceiro pavimento desse palácio, que é enorme, foi destinado unicamente ao futurismo e cubismo, tendo o futurismo grande predomínio.

Quizemos saber também como tinham os alemães encarado a derrota do general Wrangel.

— Wrangel — disse-nos o apreciado escritor — é ainda de origem alemã. Os conservadores concentraram nele todas as suas esperanças. A vitória de Wrangel livraria a Alemanha do problema polaco, porque restabeleceria as antigas fronteiras da Rússia, e ao mesmo tempo seria um belo ponto de apoio, de resistência, às imposições dos aliados. Wrangel, porém, ficou inutilizado. Com ele se foram as esperanças dos conservadores. Os partidos revolucionários registaram-se com a derrota, é claro.

— A propósito de revolucionários — dissemos — «Quais são as suas tendências, qual das Internacionais prefere?»

— As tendências, pode dizer-se afoitamente, são para a Terceira Internacional — respondit, convicto, o nosso interlocutor.

Era tarde. Duas badaladas haviam soado já no relógio do Carmo. Vontade tínhamos nós de ouvir-lo durante toda a noite, até de madrugada, mesmo. Era abusar, porém. E despedimo-nos de Aquilino Ribeiro, não sem bastantes saudades de tam deliciosa cavaqueira.

C. G. T.

Conselho Confederal
Hoje, pelas 20 horas, reúne o Conselho Confederal, afim de apreciar o parecer sobre as propostas de finanças, da comissão nomeada na última reunião do Conselho.

NA ALEMANHA

Leis estabelecendo penas severas contra os assambradores

BERLIM, 19. — O Reichstag aprovou um projecto de lei em que se estabelecem severas penas contra o comércio ilícito, aumento ilegal de preços e proibido a exportação dos produtos essenciais à vida.

A pena máxima a aplicar às transgressões será de 15 anos de trabalhos forçados.

As multas são ilimitadas sendo a multa mínima de vinte mil marcos. — *Rádio.*

Simon não quer propaganda nem contra nem a favor do bolchevismo

BERLIM, 19. — No Reichstag o ministro dos negócios estrangeiros Simons respondendo a uma interperelação dum membro do partido nacional acerca do perigo da propaganda bolchevista feita nos campos de internamento dos russos, prometeu que os campos seriam de futuro guardados por guardas militares em vez de guardas civis como até aqui. Os internados devem ser considerados como tropas dos soviéticos e a propaganda bolchevista ou anti-bolchevista deve ser suprimida de forma a não perturbar as boas relações da Alemanha com a Rússia, relações estas que devem ser cuidadosamente mantidas.

Simons concluiu o seu discurso declarando que a Alemanha nunca tinha mantido relações com o governo do general Wrangel. — *Rádio.*

A melhoria económica depende muito das relações com a Rússia

BERLIM, 20. — O deputado popular Stresemann discursando em Colónia, declarou que o futuro financeiro alemão saía do próprio império alemão, dependente das negociações de Bruxelas, acrescentando que a Alemanha nunca poderia fazer executar as reparações, se se não levantaria economicamente, sendo um dos factores de levantamento o reatamento das relações comerciais com a Rússia. — *Rádio.*

VER NA 2.ª PÁGINA: Debate de opiniões

Artigo de J. Carlos Rates

que o governo pretende regularizar a vida tanto quanto possível.

— No entanto a maior parte dos géneros é distribuída por senhas, impera o racionamento; o leite, por senhas também é pouco, muito pouco; açúcar não há. A miséria é grande, levando o povo a praticar certos actos duvidosos. Imagine que uma rapariguita — a miséria! — roubou uma senha. Foi condenada a três meses de prisão.

— Mas grandes cidades — prosseguiu — as maiores vítimas da miséria são as empregadas de armazéns. O operariado não vive bem, mas tem o espírito de luta mais desenvolvido e sempre conquista umas certas regalias, o que não obsta a que em Berlim e arredores haja cerca de 600.000 *chômeres*. Uns trabalham uma vez por semana, outros exercem a sua actividade uns dias entre outros.

Uma nota sobre arte — A derrota do general Wrangel — As tendências para a Terceira Internacional

Num país onde a miséria impera, onde o leite é raro, onde as condições de vida são péssimas, natural será que a arte se resinta e caminhe para uma certa decadência.

Porém, Aquilino Ribeiro contou-nos que as ruas das cidades estão cheias de cartazes, os mais diversos e os mais bem feitos. Esses cartazes na sua maioria destinam-se à propaganda da Alta Sílesia, que a Alemanha deseja anexar aos seus territórios.

Outro facto interessante: O palácio de koprinn foi transformado em museu. O terceiro pavimento desse palácio, que é enorme, foi destinado unicamente ao futurismo e cubismo, tendo o futurismo grande predomínio.

Quizemos saber também como tinham os alemães encarado a derrota do general Wrangel.

— Wrangel — disse-nos o apreciado escritor — é ainda de origem alemã. Os conservadores concentraram nele todas as suas esperanças. A vitória de Wrangel livraria a Alemanha do problema polaco, porque restabeleceria as antigas fronteiras da Rússia, e ao mesmo tempo seria um belo ponto de apoio, de resistência, às imposições dos aliados. Wrangel, porém, ficou inutilizado. Com ele se foram as esperanças dos conservadores. Os partidos revolucionários registaram-se com a derrota, é claro.

— A propósito de revolucionários — dissemos — «Quais são as suas tendências, qual das Internacionais prefere?»

— As tendências, pode dizer-se afoitamente, são para a Terceira Internacional — respondit, convicto, o nosso interlocutor.

Era tarde. Duas badaladas haviam soado já no relógio do Carmo. Vontade tínhamos nós de ouvir-lo durante toda a noite, até de madrugada, mesmo. Era abusar, porém. E despedimo-nos de Aquilino Ribeiro, não sem bastantes saudades de tam deliciosa cavaqueira.

O REGABOFE

Os cofres públicos a saque

Alguns aspectos da bambochata

O sr. Malheiro Reimão, actual deputado e antigo ministro das finanças, deu anteontem ao *Século* uma entrevista, em que alguns aspectos do nosso descalabro administrativo se patenteiam, vergonhosos, indecentes, revoltantes. E o descalabro atingindo os últimos limites, é a pouca-vergonha elevada ao ponto máximo. Veja-se a deliquescência nacional através dos períodos que abaixo reproduzimos.

17.000 novos funcionários de 1917 para cá

Diz o sr. Reimão:

«Sou, desde há muito, partidário do aumento das contribuições e fui até o primeiro a tentar esse recurso e a defendê-lo em todos os campos, inclusive no sen jornal. Mas, sem reduzir primeiro as nossas orgalças despesas, creio que nem mesmo com a guarda republicana conseguiremos impor esse aumento de contribuinte. A verdade é que se é inadivél a necessidade de aumentar as receitas, mais inadivél e mais urgente é a necessidade de diminuir as despesas. Temos que começar pelo princípio.

«E não basta reduzir os adidos navais, como muito bem o vai fazer o ministro da marinha. É preciso aplicar esse critério a todos os serviços; reduzir os quadros, já não digo ao que eram em 1914, mas ao menos ao que eram em 5 de Dezembro. Porque — não o esqueçamos — a ditadura de 1914, a ditadura constitucional ou suplementar, a ditadura que se lhe seguiu, ultrapassaram, nesse escandaloso capítulo, todas as marcas. Nada menos de 17.000 funcionários novos foram nomeados! A onça trasbordou de tal modo que, desses 17.000 funcionários, mais de metade, uns 8.000, nem sequer conseguiram arranjar, nas respectivas repartições, cadeiras para se sentarem. Em Fevereiro de 1920, ninguém me tinha desmentido. E desafio qualquer tribunal a reconhecer a legalidade dessas nomeações, quando ela for contestada.

«Do que fundamentalmente necessitamos, repito, é de administração. E o único caminho a seguir, se queremos viver. E quem quiser administrar a primeira coisa que tem a fazer é colocar na situação de adidos, sem vencimento, já não digo todos os funcionários que não trabalham, porque, então, ficariam as repartições desertas, mas, ao menos, todos os que não estão legalmente nomeados.

E' faltar, vilanagem... Esbanjamentos, depravações, prodigalidades

O sr. Reimão diz ainda:

«Mas v. deseje, talvez, exemplos e eu vou citar-lhe alguns. Reportemo-nos ao decreto 7.027-A, a portaria 2.526 e ao que se passa na direcção geral dos transportes terrestres. Em outubro deste ano, com o câmbio já nos números dígitos, com 300.000 contos de déficit, foram criados, pelo referido decreto, nada menos de 307 lugares cujos vencimentos ocasionaram um aumento de despesa ordinária — note bem: *despesa ordinária* — de 1.020 contos. Como se isto não bastasse, como se fosse uma bagatela este aumento de despesas permanentes, lançou-se sobre as contribuições um pequeno adicional para emolumentos. Feitas as contas, pela liquidação do ano passado e pelo decreto, achou-se que um tesoureiro de um dos bairros de Lisboa veio a ficar recebendo... 19.400\$00! Pois a liquidação, pelas contas deste ano, ainda deve ser maior...

«No *Diário* de 10 do corrente, uma portariazinha, com uma tabela, multiplicou por 5 certos emolumentos. Resultado: ficaram conservadores do registro predial a ganhar para cima de 100 contos e notários cerca de 40. Ultimamente, criou-se, não se sabe por que bulas, nem com que autorização, uma direcção geral de transportes terrestres. Grande aparato, é claro: muito luxo, muitos oficiais do estado maior, gratifi-

cações, que sei eu? Agora, um: amottra das obras: alugaram, por 500\$00, quatro camions para irem a Évora e gastaram nesse serviço... 8 contos, fora concertos nos veículos, que ainda se não sabe quanto custaram. Uma bela operação, como vê...

O processo usado para a admissão dos novos funcionários

Continua o sr. Reimão:

«No capítulo subvenções há também exemplos curiosos. Citarei este: Na Misericórdia de Lisboa havia umas mulheres que, por 200 réis diários e as sobras da comida, lavavam a louça. Era trabalho leve, serviço para uma hora por dia, emprego disputado à custa de empenhos. Veem as subvenções. E sabe quanto ficaram ganhando as pobres mulherzinhas? Cento e vinte escudos por mês...

«Quer saber como foram nomeados alguns dos 17.000? Num estabelecimento do Estado havia um director que ganhava 50 escudos mensais. Nunciou o emprego porque não tinha necessidade, e tanto assim que cediu ao referido estabelecimento os seus honorários. Um dia é procurado por um enviado do ministério, que lhe comunica o seguinte: «V. ex.ª passa a ganhar 2.400\$000 e vai ter dois adjuntos». «O ordenado — responde o funcionário — é bem empregado, porque o dou, interino, ao estabelecimento; mas os adjuntos não sei o destino que lhes hei de dar». «Não faz mal — atalhou o enviado — o ministro tem empenho nisto; deixe-os vir para aí; ficam a ganhar 1.800\$00 cada um».

«No dia seguinte volta o enviado: «Olhe que, afinal, os adjuntos não são dois: são três. O ministro esqueceu-se de que o secretário também queria, e parafuso tirar o lugar a ninguém, nomeia-se mais um!»

Nos quadros militares Uma escandalosa comezaina

«Vejamos agora os quadros militares. Há neste capítulo coisas assombrosas. O quadro de oficiais de artilharia de campanha, permitido por lei, apenas pode comportar um total de 198. Pois quer saber quantos subalternos há no quadro permanente? Trezentos e nove! Além disso, há 280 subalternos milicianos, dos quais um terço, pelo menos, está ao serviço.

«O quadro de oficiais de infantaria deve ter um total de 1.236. Pois, só subalternos, há ali 1.528. Mas há mais: Pela lei 971, que até 31 de Dezembro está em vigor, não se devem fazer promoções senão para os postos em que não haja supranumerários. (Isto para militares, porque para os civis, nem havendo vagas). Pois bem: como só há três generais, supranumerários, vão-se promover agora mais dois!

Vencendo a dobrar com a cumplicidade dos superiores

O sr. Malheiro Reimão conclui:

«Vá lá mais um caso típico, de um interessante capítulo. Há um senhor, que designarei pelo sr. X, que no ministério da guerra é oficial superior do exército, por onde recebe todos os seus vencimentos. Pois o sr. X, recebe também todos os seus vencimentos por outro ministério, onde não consta que seja oficial. Não imagine que é um anónimo que está ali escondido. Trabalha directamente subordinado a um alto funcionário, num lugar de confiança, para onde o nomearam unicamente, porque lhe convinha ser nomeado...

«Isto pode continuar assim? O câmbio não cessa de baixar; estamos já na casa do 6. Câmbio a 6 — libra cheque a 40\$00. Diga-me se há processo de haver, por este preço, trabalho para comer e se se pode obter carvão.»

Depois disto, em presença desta desmarcada roubalheira, haverá ainda quem se atreva a pedir ao operariado mais sacrifícios, mais horas de trabalho e mais resignação?

trabalhos sobre o Congresso e o relatório da comissão organizadora.

A esta reunião deve comparecer o camarada que foi nomeado delegado directo pelos cesteiros de Gonçalo a este Congresso.

Resto duma derrota

Os bolchevistas restabelecem o ordem em Sebastopol

LONDRES, 19. — Quando se evacuava Sebastopol ficaram à solta bandidos vários que começaram a assassinar e a pilhar a cidade.

Segundo dizem de Moscúvia logo após a retirada das tropas de Wrangel organizou-se um comité revolucionário que tinha por fim garantir a ordem e restaurar a tranquilidade, mas alguns elementos da reacção do exército de Wrangel capturaram os membros do referido comité e assassinaram estes.

Depois da cidade cair em poder das tropas dos soviéticos restabeleceu-se imediatamente a ordem e não se cometeram mais violências. — *Rádio.*

BATALHA Vende-se na Rua de Bica do Sapato, 16-A

DEBATE DE OPINIÕES

A frente única dos socialistas

é possível estabelecer-se sem prejuízo das correntes representadas

Fixemos antes de mais nada este princípio: a revolução socialista em Portugal deve ter uma feição nitidamente sindicalista.

1.º Mas porque não há de essa feição ser colectivista ou anarquista?

2.º Porque o sistema sindicalista, como o demonstramos no próximo artigo O sindicalismo apto a governar, tem uma base essencialmente técnico-económica que dispensa a preparação filosófica e moral daqueles dois sistemas de base essencialmente política;

3.º Porque a revolução com um carácter colectivista só tem possibilidade de virar nos países onde não exista organização sindical, como na Rússia, ou onde essa mesma organização esteja subordinada ao partido político;

4.º Porque em Portugal a corrente socialista predominante é a sindicalista, embora sujeita a erros, imperfeições e desvios susceptíveis de modificação;

5.º Porque não há oposição real entre a revolução sindicalista e as doutrinas colectivista e comunista;

6.º Porque o anarquismo, que como sistema político se opõe ao sindicalismo, tem todo o interesse, no triunfo da revolução sindicalista.

Para bem se compreender a justeza destes princípios que esquematicamente enunciamos é indispensável fixar as reivindicações de cada corrente socialista e mostrar as suas concordâncias e discordâncias.

As convergências socialistas para o mesmo fim

Os colectivistas querem, quanto a fins:

1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção;

2.º O estabelecimento dum plano único de produção, sendo esta, bem como a distribuição e permuta, confiadas a instituições públicas—o Estado e os Municípios;

3.º A recompensa pelo mérito individual expressa na fórmula—*a cada um o produto integral do seu trabalho*.

4.º A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

Os comunistas anarquistas querem, quanto a fins:

1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção;

2.º A organização da produção, da distribuição e permuta, confiada a grupos de afinidade por estabelecimento de acordo livre, isto é, podendo o indivíduo a todo o momento desligar-se do grupo primitivo e estabelecer novos acordos com outros grupos;

3.º A igualdade de direitos e deveres no esforço como nos benefícios, sem consideração pelas aptidões e méritos de cada um, expressa na fórmula: *a cada um segundo as suas forças; a cada um segundo as suas necessidades*;

4.º A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

Os sindicalistas querem, quanto a fins:

1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção;

2.º A direcção da produção confiada aos sindicatos; a distribuição e permuta aos próprios consumidores, (cooperativas).

3.º A recompensa pelo mérito individual, para estímulo da produção; aplicação gradual e progressiva das fórmulas comunistas, como tendência geral já hoje assinalada.

4.º A descentralização dos serviços públicos e o federalismo dos corpos administrativos.

São estas as reivindicações fundamentais, quanto a fins, das três escolas socialistas.

A manifestação do acordo provável

Vejamos agora onde existe o acordo e o desacordo.

1.º A socialização da propriedade e dos meios de produção é reclamada por colectivistas, sindicalistas e anarquistas. Não há nenhum desacordo.

2.º Os colectivistas formularam o seu plano de organização do trabalho quando não existia ainda o sindicalismo e nunca vimos da sua parte qualquer oposição ao sistema sindicalista neste ponto, e o mesmo podemos dizer da distribuição confiada às cooperativas que eles mais do que ninguém tem criado e defendido. Pode pois garantir-se que há acordo, quanto a produção e distribuição entre colectivistas e sindicalistas. E os comunistas anarquistas? A produção confiada aos sindicatos não destrói os benefícios da concentração e especialização do trabalho, criações pelo regime capitalista e que é um dos melhores benefícios que herdamos. E como se não trata duma questão que afecte doutrinarmente o comunismo-anarquista, não há motivo para se lhe oporem. Na verdade, se se considera como função governamental o facto dos sindicatos dirigirem a produção, nós temos o direito de perguntar aos anarquistas se excluem a autoridade do saber e da competência, se não aceitam nenhuma espécie de delegação de funções com um carácter necessariamente transitório e mandato revogável. Sabemos que não é assim. Os anarquistas quando fundam um jornal, por exemplo, escolhem dentre eles um que dirige os serviços de redacção e não abdicam por esse facto dos seus direitos e dos seus princípios. Trata-se simplesmente, neste caso, duma boa divisão do trabalho para regularizar e coordenar esforços. E o que sucederá nos sindicatos com as comissões técnicas e administrativas. Não é neste aspecto da produção que entra a explicação da frase—*o poder político aos sindicatos*. De resto, os anarquistas, que conhecem ou devem conhecer a aspiração dos sindicatos pela posse dos meios de produção, colaboram na acção sindical e alguns até, como Manuel Joaquim de Sousa, defendem ostensivamente aquele princípio de posse. Não pode pois sofrer oposição dos anarquistas esta prática. Quanto à distribuição, os anarquistas não combatem as cooperativas. Temos pois mais um ponto de acordo de colectivistas, anarquistas e sindicalistas.

3.º A fórmula colectivista—*a cada um o produto integral do seu trabalho*—

não deve ser tomada à letra. Como os sindicalistas, os colectivistas aceitam a realização gradual e progressiva das fórmulas comunistas. E frequentemente dão-se a si o nome de comunistas. Há apenas entre colectivistas e sindicalistas, dum lado, e comunistas, do outro, uma discordância quanto à oportunidade de aplicação integral da fórmula. Todavia os próprios comunistas sustentam que a aplicação da sua fórmula implica uma preparação moral adequada. Se eles reconhecem que essa preparação moral não existe para a aplicação integral, por que se não de opor à realização gradual e progressiva? Mais um acordo de sindicalistas, colectivistas e comunistas-anarquistas.

4.º Finalmente, chegamos ao ponto em que pela simples leitura do enunciado que fizemos poderia supor-se que há absoluto acordo entre as três escolas socialistas. Não é assim. Os colectivistas admitem as paróquias, os municípios e federações de municípios como organismos de administração pública, como órgãos de representação política. A base federativa, mas subsiste o princípio da autoridade. Os sindicalistas têm como organismos de administração pública e de representação política as uniões locais, a Confederação Geral do Trabalho e comissões delegadas, com mandato revogável, para serviços especiais. A base é federativa, como se sabe, mas subsiste o princípio da autoridade. Acordo entre colectivistas e sindicalistas neste ponto. Os anarquistas têm como organismos de administração pública e de representação política as comunas e as suas federações, estabelecidas por acordo mútuo, não assumindo estes organismos qualquer espécie de autoridade. Todos os mandatos significam selecção e divisão do trabalho para coordenação de esforços. Há pois desacordo doutrinarmente entre colectivistas e sindicalistas, dum lado, e anarquistas, do outro. Todavia colectivistas e sindicalistas entendem que o princípio da autoridade se deve quanto possível diluir, não desconhecendo uns e outros os seus vícios e defeitos e se não dispensam a sua aplicação é porque a transição operada pelo rutura do sistema social vigente e a formação do sistema social novo tornam indispensável para quebrar todas as resistências. Os anarquistas não terão remédio se não transigir com este mal necessário pois a sua revolução implica um estado elevado de perfeição moral, não existente, o que impede as suas realizações, imediatamente, ao passo que o triunfo da nossa revolução acelera possivelmente a preparação, como o reconhecem sociólogos da categoria de Hamon, quanto à influência interna da revolução russa. (Vide A Batalha de 7 de Novembro de 1920).

Não há pois, pelo que verificamos, discordâncias intransponíveis quanto aos fins.

A barreira a transpor

Vejamos os meios.

Os sindicalistas, que estão mais aproximados dos colectivistas, quanto aos fins, afastam-se destes para se aproximarem dos anarquistas, quanto aos meios. Assim:

1.º Os colectivistas defendem o princípio da legalidade e pretendem a conquista do poder pelo sufrágio, sanção das maiorias. O princípio da revolução figura como acessório, embora o não rejeitem.

2.º Os sindicalistas e anarquistas só contrangidos acatam o princípio da legalidade, defendendo uns e outros a superioridade do princípio da revolução.

3.º A divergência entre sindicalistas e anarquistas, quanto a meios, resulta do facto dos primeiros confiarem o êxito da revolução das minorias conscientes e os segundos confiarem o mesmo êxito da preparação moral elevada das populações.

Quanto a meios, há que fazer transições para se estabelecer a frente única dos socialistas.

Acção parlamentar e expropriativa a adição formal. Não devemos fazer essa exigência. Que sejam parlamentares. E esse o seu processo particular de luta.

Mas... há uma barreira intransponível para sindicalistas e anarquistas—é a comparticipação do poder, quer nos municípios, quer no ministério.

Quem está no poder não é por nós e contra nós.

Em explicação: o Estado e os municípios só podem considerar os interesses dos indivíduos na sua qualidade de cidadãos e estes, que têm direitos iguais no respeito e garantias de protecção que lhes são devidas, têm também, não raras vezes, interesses opostos aos desígnios da classe operária. Quem administra, no Estado, não tem o município, não pode considerar os interesses dos indivíduos se não considerados na sua qualidade de cidadãos. Há oposição formal entre a classe operária e o poder político modelado na actual organização económica. O facto é palpável—a greve e logo a intervenção do Estado ou do município para *furda-la*, já mais quando se trata de serviços públicos, isto é, a defesa dos indivíduos considerados como cidadãos. Não se pode administrar bem dentro da política burguesa, transigindo com *todas* as reclamações operárias.

Ha pois oposição entre o poder político modelado na actual organização económica e o operariado organizado como classe e que deseja conquistar esse poder pelos meios violentos para transformá-lo de harmonia com as suas fórmulas económicas.

O que sucede então? E' que quem aceita o poder coloca-se contra a revolução do proletariado e não tem que admirar-se que essa revolução o subverta.

Os colectivistas têm de escolher entre a comparticipação do poder e o esmagamento pela revolução que se avizinha.

E' o único obstáculo que impede o estabelecimento da frente única dos socialistas. Espero que todos concorram da melhor vontade para transpô-lo.

I. Carlos RATES.

Caminhos de Ferro

Continuando a esforçar-se por normalizar rapidamente os seus serviços, a Companhia Portuguesa tornará diário, a partir de 21 do corrente, o serviço de comboios das linhas de Leste, Beira Baixa e Ramal de Cáceres que presentemente se faz só três vezes por semana.

Entre Entroncamento e Barquinha, são estabelecidos 4 novos comboios, 2 em cada sentido, para serviço de passageiros de 3.ª classe.

Os comboios n.º 3 e 15 da linha do Norte, que actualmente se fazem até Porto-Campanhã, serão prolongados até Porto-S. Bento, e os n.º 8 e 18, que presentemente partem de Porto-Campanhã, passarão a ter início em Porto-S. Bento.

Para uma melhor utilização das respectivas lotações a maior comodidade do público, os comboios n.º 15 e 8 deixam de fazer serviço de passageiros de 3.ª classe, no percurso entre Lisboa e Entroncamento, seguindo pelo comboio n.º 121 até Entroncamento os passageiros desta classe que se destinem ao Norte, passando no Entroncamento ao comboio n.º 15; e transitando para o comboio n.º 126, na mesma estação, os passageiros de 3.ª classe ali chegados no comboio 8.

Os passageiros de 1.ª e 2.ª classe destinados ou procedentes da linha da Beira Baixa podem tomar, respectivamente, o comboio n.º 15 em Lisboa e o n.º 8 no Entroncamento.

União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa reúne amanhã, com a presença dos vogais que compõem a pauta operária do Tribunal dos Arbitros Avidores, a fim de se tratar assuntos que ao funcionamento do referido tribunal dizem respeito e outros casos importantes.

O preço do petróleo

A carvoaria da rua Castelo Pício, 55 e 57, de que é proprietário Adolfo Alonzo Martinez, meteu petróleo na sexta-feira, que começou a vender ao preço de 1820 o litro. Porém, como achasse, decerto, que estava a fazer favor ao público, já ontem vendia a 1600, do mesmo petróleo.

Um benemérito, aquele carvoeiro.

Julgamento

Realiza-se hoje, pelas 12 horas, no velho casarão da Boa-Hora, o julgamento de Bernardino Xavier, Manuel Ramos, David de Carvalho e Paiva, presos, e quasi esquecidos, há longos meses no Limoeiro, por questões sociais.

Serão defendidos pelo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T.

A União das Juventudes Sindicalistas convida a mocidade sindicalista a assistir ao julgamento. É conveniente que o operariado não falte também para ver de perto como a burguesia exerce a sua justiça.

Um guarda «valente»

O operário estucador Augusto Campos Baptista ajustara, no domingo à tarde, na Rua Sousa Martins, a compra duma galinha com a mulher do cabo n.º 78, da guarda republicana, chamado Carolino, tendo-lhe entregue a respectiva quantia, esperando, porém, porque o cabo desse autorização, segundo o que a mulher dissera. Este, quando chegou, não só não autorizou a venda, como se negou a entregar a importância que aquele operário havia entreguido.

Muito naturalmente, Augusto Campos Baptista exigiu o seu dinheiro; mas o cabo, sem mais satisfações, agrediu-o, deitando-o ao chão, e não contente com isso, ainda o levou preso para o quartel do Matadouro, onde esteve até às 23 horas.

O camarada Baptista disse que viria comunicar o facto à Batalha, e o valente cabo disse-lhe que se tal fizesse lhe daria um tiro!...

Acrescentou ainda que se podesse fazer o mesmo ao nosso jornal como lhe fez a ele, não se incomodaria, ameaçando-o mais que se lhe faltasse a galinha não se queixaria de mais ninguém.

Este cabo é digno dum louvor pela sua valentia e heróicidade.

Vidreiros da Amora

A Companhia das Fábricas de Garrafas na Amora, quando lhe parece e sem se incomodar que os operários que ali trabalham fiquem na miséria, fecha e abre as portas daqueles estabelecimentos, julgando talvez que os produtores são milionários.

Diz a Companhia que não tem dinheiro, mas os operários reparam esta asserção, porquanto nas fábricas existem 900.000 garrafas e garrafas manufacturadas e prontas a ir para os fregueses, que afirmam querer tudo o que se possa arranjar.

Porque não faz a Companhia a venda daquele artigo, conseguindo assim o capital necessário para as fábricas continuarem a laborar, se de facto é esse o motivo que os levou a fechá-las?

Os operários confessam não compreender tal atitude e pensam, com razão, que será mais uma armadilha daquela Companhia, fértil em casos desta natureza.

E talvez por mais este capricho da Companhia, estão outra vez sem pão perto de 200 operários, não contando com o pessoal auxiliar, que é também bastante numeroso e que já há cinco semanas está sem pão e sem ao menos ter uma esperança.

E siga a companhia vidreira nos seus caprichos.

Pelas prisões

Foram ontem postos em liberdade os seguintes camaradas ferroviários, presos em S. Julião da Barra: João Ferreira, António da Conceição Barulho, Mário Neves Varanda, Guilherme Moreira, Manuel Horta Rodrigues, Carlos José, Marcelino José de Matos, Alberto Fares Gouveia e Leopoldo Calapez.

Francisco Ferreira foi transferido para o Batalhão de Sapadores e José Luís Afonso para a segurança do Estado.

Em S. Julião encontram-se ainda presos cerca de trinta operários fardados.

Coliseu dos Recreios

HOJE—às 21 horas—HOJE

—Maravilhoso espectáculo—

ULTIMA SEMANA dos Claerens, Akeons, Emillios, Cloyvelys e Agustin & Hurley

2.ª apresentação do famoso equilibrista de trapézio

LEOPOLDO

14.ª apresentação do célebre domador

FORTUNIO

com os seus

4—FEROZES LEÕES—4

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Operários Alfaiates.—Reúnem-se esta classe em assembleia geral, que apreciará a legalidade da sessão, em virtude do engano do dia da reunião, acordando-se por fim em que a sessão continue.

A comissão de informações comunicou que o comité depôs o seu mandato, resolvendo-se, em virtude disto, que as comissões de melhoramentos e de propaganda reassumissem as suas funções. Também ficou resolvido que a discussão das oficinas sindicais e outros assuntos, fique para a próxima sessão.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Reúnem-se hoje, pelas 20 horas, todos os componentes da comissão de auxílio aos presos por questões sociais da indústria da construção civil para um assunto de grande importância.

Sindicato Único Mobiliário.—Comissão administrativa.—A comissão pró-ferroviários deste sindicato, convidando todos os camaradas que queiram contribuir para estas camaradas a dirigirem-se à sede, onde se encontra um delegado. Esta semana serão distribuídas quotas por todas as oficinas.

A comissão administrativa convida a comparecer hoje, às 20 horas, acompanhado de todos os documentos que tem em seu poder, o camarada que foi tesoureiro da última direcção do Sindicato dos Marceneiros.

Sessão profissional dos estofadores.—São convidados a reunir hoje, para assunto importante, todos os estofadores sindicados, às 21 horas.

Previnem-se os mesmos que, por ser a 3.ª convocação, reunirá com qualquer número.

Operários Alfaiates.—Reúnem, amanhã a comissão das oficinas sindicais, e na próxima quinta-feira a comissão de melhoramentos.

Compositores Tipográficos.—Para ultimar os seus trabalhos reunem-se a comissão pró-aumento de salário nas casas de obras, resolvendo realizar hoje a sua última reunião, convidando os colegas empreiteiros das mesmas tipografias a comparecer às 21 horas prefixas na Associação dos Compositores, a fim de trocarem impressões sobre a tabela que lhes diz respeito.

Sindicato Único da Construção Civil.—Secção profissional dos carpinteiros.—Reúne amanhã em assembleia geral para tratar de vários assuntos de grande urgência.

Sessão profissional de pedreiros.—Reúne hoje, pelas 20 horas. Devem comparecer a esta hora as camaradas que substituíram a comissão para o ano de 1921.

Fragateiros do Porto de Lisboa.—Reúne hoje esta classe, pelas 18 horas, para tratar da compra duma sede própria como também da cooperativa de crédito, consumo e de produção e de vários assuntos para a classe.

A direcção espera a comparência dos sócios, visto os casos a tratar serem de grande interesse para todos.

PRÓ-FERROVIÁRIOS DO ESTADO

Definidos e Presos

Para esta redacção devem ser enviados locais os informes respeitantes à situação das famílias dos ferroviários presos e detidos, as notas do local em que residem, da prisão em que se encontram e das pessoas de família que cada um tenha a seu cargo.

Também pelos sindicatos operários podem ser enviados para esta redacção quaisquer documentos destinados ao mesmo fim.

Ainda os ferroviários que queiram utilizar o oferecimento de alguns camaradas que se propõem a receber as crianças filhas dos ferroviários detidos ou presos, podem enviar as suas declarações, com indicação do sexo, idade e quaisquer outras que julguem convenientes.

A Comissão.

“Delicadezas”, da policia

Manuel Crispim veio à nossa redacção queixar-se do procedimento dum polícia. Quando Manuel Crispim comia numa taberna na rua do Terreirinho, com uma filhota pequena, como fosse necessário fechar a porta, pois havia dentro meia noite, um polícia que estava ali de serviço, agrediu-o com uma bofetada, que o feriu no lábio superior.

Coliseu dos Recreios

Aviso ao público

A actual Empresa do Coliseu dos Recreios, para satisfazer continuos, numerosos e instantes pedidos dos seus frequentadores, para corresponder aos desejos das autoridades no acondicionamento do público dentro da sala em dias de grandes enchentes, para evitar também a grande aglomeração na rua junto da bilheteira; resolveu fazer desde hoje a locação dos bilhetes

Geral e geral reservada

das 5 às 7 horas da tarde, mantendo-se a locação dos camarotes e fauteuils, como de costume, do meio dia às 7 horas.

A BATALHA em Oeiras

Vende-se em casa do sr. Joaquim P. mentel.

Ultimas notícias

A Grécia em foco

Um levantamento na Trácia?

ATHENAS, 19.—O general Goudrakakis, comandante em chefe do exército grego na Trácia, tentou provocar o levantamento de diversas regiões desta provincia. A tentativa falhou. O general partiu para Constantinopla com setenta dos seus oficiais.—Rádio.

A redacção dum jornal apedrejada

PARIS, 19.—Dizem de Constantinopla que a importante colónia grega naquela cidade afirma que muitos gregos são hostis à restauração de Constantinopla, mostrando grande dedicação à causa venizelista.

A multidão partiu as vidraças da redacção do jornal *Patris*, que se mostra favorável ao rei Constantino. A esta cidade tem chegado muitos oficiais superiores e outros desertores da Anatólia.—Rádio.

O rei chegou...

ATHENAS, 20.—O rei Constantino chegou ontem a esta cidade em comboio especial vindo de Corinto.—Rádio.

Parece que o rei Constantino não é muito bem recebido

PARIS, 20.—Por ocasião do regresso a Atenas da família real da Grécia o sr. Gauvain recorda em *Les Debats* que, fora das manifestações protocolares, a única maneira de fazer compreender ao povo grego a gravidade da situação consiste num bloqueio financeiro apertado.

Regularmos a nossa conduta segundo os actos do governo grego, não segundo as suas palavras ou os seus gestos; antes de qualquer coisa devemos mostrar que a restauração do rei de posto nos obriga a tomar precauções no Oriente e a substituir a vigilância dos aliados à da Grécia em certas regiões.

O triunfo de ontem não foi sem mistura—constata o sr. Gauvain. A família real muito experimentada pela viagem por mar, desembarcou em Corinto dirigindo-se por caminho de ferro a Atenas, em lugar de desembarcar pela faina e de seguir as grandes vias embandeiradas por grandes somas. No «Te Deum» celebrado na catedral de Atenas, a rainha Sofia achou-se mal por duas vezes. Isto não é de bom augúrio.

Em Constantinopla a colónia grega renovou as suas demonstrações contra Constantino, entregando aos altos comissários da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França e da Itália, um protesto solene contra a restauração do rei.

Em Londres a colónia grega impediu a realização do «Te Deum» na igreja grega. Sabem-se também que o plebiscito foi seguido de graves desordens em muitas cidades, especialmente em Atenas. O sr. Gauvain termina: Quando se lançarem as rosas lançadas sobre os passos de Constantino, os gregos começarão a reflectir.—Rádio.

NA AMÉRICA

Os géneros descem

WASHINGTON, 20.—O preço de todos os géneros e mercadorias baixou 24 % da altura que tinha atingido em Maio e Novembro de 8 %, em relação a Outubro. Durante os últimos doze meses o preço dos géneros alimentícios baixou 11 % e as fazendas 28 % e dos produtos da terra 31 %.—Rádio.

A Irlanda agitada

Um limite de tempo para se estabelecer o parlamento

LONDRES, 19.—Hoje na câmara dos Lords durante a discussão da emenda do projecto do Home-Rule, Lloyd George fez importantes declarações sobre a questão irlandesa.

O governo propôs que se estabelecesse um limite de tempo durante o qual o parlamento seja estabelecido na Irlanda.

Lloyd George declarou que se o governo não tivesse maioria na Irlanda do Sul para aceitar o seu esquema, o governo faria segunda tentativa.

Nenhuma experiência rápida dá resultado seguro.—Rádio.

A ORDEM.

Em Praga reprime as rixas comunistas

LONDRES, 19.—Dizem de Praga que o governo reprimiu violentamente as rixas comunistas.—Rádio.

Carestia da vida

Promove a Comissão Anti-Clerical 5 de Outubro uma manifestação de protesto na próxima quinta-feira, pelas 19 horas, fazendo entrega duma mensagem elaborada por José Benedito ao Comissário dos Abastecimentos, incitando-o a proceder com energia contra os exploradores do povo. A Comissão Anti-Clerical 5 de Outubro, reconhecendo no sr. Peres Trancoso qualidades de carácter e inteligência para reprimir energeticamente a exploração comercial, convida o operariado, colectivistas republicanas e centros socialistas, a comparecerem na Praça dos Restauradores no dia e hora acima indicada, a fim de acompanharem a comissão que vai fazer entrega da referida mensagem. Nessa ocasião deve usar da palavra o sr. Ladislau Batalha.

LIGA PRO-MORAL

Terminou ontem o prazo para a entrega dos requerimentos à direcção desta colectividade, para vestir e calçar crianças pobres, por ocasião da sua festa anual. Além da qualificação recebida durante o ano, a Liga, que recebeu um auxílio de 20800 da Cooperativa dos Chapaleiros, conta ainda com valiosos auxílios de pessoas que tem prestado o seu auxílio à simpática colectividade.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo das Artes Gráficas.—Reúnem-se

na assembleia geral desta núcleo, encerrando os seus trabalhos e resolvendo publicar o *Despertar* dos trabalhadores e financeiro da sua existência. Foram aprovadas as teses que serão presentes ao Congresso, sendo aprovadas com ligeiras emendas, sendo também nomeado, para substituir a delegação de José dos Santos, que se encontra preso, o camarada Raul Garrido.

Brevemente reúne a comissão com os delegados a fim de se assentarem os últimos trabalhos a realizar.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos dos Sapateiros Lisbonenses e artes correlatas.—Reúne a assembleia geral, sendo eleitos, para 1921, os seguintes corpos gerentes:

Assembleia geral—Presidente, José da Costa Ferreira; vice-presidente, José Nunes; 1.º secretário, Vitor José da Silva; 2.º secretário, Manuel Marques das Neves; 1.º vice-secretário, Jerónimo de Sousa; 2.º secretário, Maximiano Loureiro.

Conselho Fiscal—Efectivos: José Pereira, Constantino Leal Serrão e José António Fátima; suplentes: José Joaquim de Andrade e Raul Pereira Pires Lavado.

Direcção—Presidente, Francisco de Paula Oliveira; tesoureiro, Pedro Henrique da Silva Velloso; secretário, Manuel Joaquim Pereira Alves; vogais: José Martins e João Baptista de Abreu; suplentes: Henrique das Neves Camarata e Isidro António Rodrigues.

A Pensionista (Cooperativa do Pessoal da Imprensa Nacional).—Reúne hoje, às 20 horas, na sede da Cantina de S. Mamede, a Praca do Brazil, a assembleia geral desta cooperativa para eleger os seus corpos gerentes para o próximo ano e tratar de outros assuntos de interesse para a colectividade.

VIDA POLITICA

Comissão Executiva da Federação Municipal Socialista.—Reúne hoje, às 20 horas, esta comissão, com os delegados das agremiações socialistas, em sessão extraordinária e secreta, para tratar de um assunto da máxima importância para o Partido.

OS QUE MORREM